

SAGA: A INQUIETAÇÃO DETERMINADA

Paulo Henrique SIMON
Ivânia Campigotto AQUINO
Universidade de Passo Fundo

RESUMO: O presente trabalho compreende a autonomia humana na sociedade contemporânea. Para que fosse possível desenvolvermos este estudo, construímos um arquivo com textos que permitissem pensar o progresso humano na sociedade contemporânea. Como não há um modelo de aplicação pré-estabelecido, a seleção do corpus se deu a partir da obra *Saga* de Erico Verissimo construída numa perspectiva isolada, ao que compreende uma esfera privada, quanto a criação literária do escritor. Nas relações cotidianas, esse processo e seus resultados na busca da realização pessoal, conjugam as frustrações de aspirações expressivas, da rebeldia ante o comportamento social burguês, no âmbito de entender o cenário mundial perante o quadro de influências que levaria as batalhas em meados da década de 40. Essa perspectiva isolada se deve ao fato da personagem masculina Vasco Bruno se demonstrar um ser determinado, que participa da sociedade econômica de forma efetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Inquietação. Sociedade. Progressão.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo, dispomo-nos a refletir sobre a inquietação humana. Partindo-se da obra *Saga* de Erico Verissimo analisamos a trajetória da personagem Vasco Bruno, na ficção literária no período que inicia no ano de 1936, ano que marca o início da Guerra Civil Espanhola, até os dias de hoje. Nesse segmento, consideramos a questão da liberdade, relacionada ao juízo da consciência e das limitações, imposta pela memória histórica, presente na obra literária direcionando o sujeito masculino a assumir a responsabilidade de atingir novos espaços e novos objetivos. Dessa forma, para ilustrarmos essa característica, trazemos a personagem de Erico – Vasco para fazermos

um detalhamento sobre os valores sociais e éticos, no campo da significação e na área do pensamento humano. Evidentemente tal característica não se direciona propriamente à personagem, mas possibilita perceber que todo ser humano vive a vida direcionada a um objetivo. Esse objetivo principalmente, diz respeito à luta pela sobrevivência, no qual o indivíduo preocupa-se com seus desejos, vontades, comportamentos e com sua realização como pessoa.

Assim este artigo está dividido em três seções. Na primeira seção, realizamos uma retrospectiva dos movimentos da Guerra Civil Espanhola em defesa da sociedade e que acarretaram em mudanças na forma de se viver a vida, tornando-a cada vez mais competente e mais autônoma na sociedade contemporânea, tendo em vista, a publicação da obra *Saga* de Erico Verissimo.

Na segunda seção discutimos a condição masculina levando em conta as responsabilidades assumidas pelo personagem internamente a ficção, após a um período de conflitos e batalhas, o qual entrou em massa na sociedade econômica da época. Consideravelmente a atitude resultou no sucesso juntando-se a um movimento de libertação emergente e integrando a conjuntura masculina no mercado de trabalho.

Na terceira seção, evidenciamos as características que tornam a personagem Vasco Bruno, um ser autônomo sobre o nível de moralidade, para avaliar e entender esse comportamento masculino, pelo qual elucida-se o amadurecimento moral para a sua atuação e vivência no cotidiano humano. A partir disso exhibe-se a mudança moral como um novo valor para a construção da personalidade masculina no real social de forma a compreender a literatura para ilustrar a trajetória do personagem masculino.

2 SAGA: A PERSPECTIVA HISTÓRICA DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA NA CONTRIBUIÇÃO DO ROMANCE

Considerar a perspectiva histórica da Guerra Civil Espanhola, para a análise da obra literária *Saga* de Erico Verissimo, vem contribuir para que se tenha consciência do mundo que algum dia existiu. Nesse sentido, o conhecimento histórico alarga a compreensão do ser humano em quanto construtor do seu tempo.

Dessa forma, considerar o estudo do passado é saber que ele não se repete, pois o homem modifica o mundo em que vive e dessa forma a História serve a população, como um instrumento de conscientização da humanidade para a tarefa de construir uma

sociedade mais justa e digna. Por essa função, a História é uma ciência dinâmica em constante transformação.

Cada tempo presente, e cada realidade trazem interesses novos e perguntas novas. Isso permite entender a diversidade humana que, por exemplo, tem estímulos e indagações diferentes do que tinha os seus antecedentes.

Além disso, cabe entender que para o acontecimento entrar na memória historiográfica mundial, dependerá de fatores como a veracidade dos fatos, as pessoas envolvidas, o impacto causado e, principalmente, ser algo não rotineiro. Por isso, esse entendimento possibilita abordar, aqui, alguns dos fatores da Guerra Civil Espanhola que contribuem na narrativa ficcional da obra de Erico Verissimo. Esses fatores são explícitos na sustentação de sua criação literária, os quais revelam detalhes dos problemas realistas que circundavam os campos de batalha na Guerrilha Espanhola.

Para esse entendimento, reflete-se sobre a Guerra Civil Espanhola, a qual segundo Thomas (1964, p.295) foi um acontecimento que provocou algumas mudanças na sociedade do seu passado. Para isso, irá se fazer uma breve retrospectiva na origem da crise econômica, que compreendeu os anos de 1929 e 1936. Este período foi marcado por uma série de manifestações e greves, colocando a sociedade espanhola a frente de questões financeiras. Na época a situação monetária espanhola, era cada vez menos favorável, pois já compreendia uma crise que atingia as pessoas de classes menos favoráveis, impossibilitando a compra de comida para o seu próprio sustento. Ocorrendo antes da 2ª Guerra Mundial, a Guerra Civil Espanhola teve seu início no ano de 1936. As forças combatentes eram representadas, de um lado, pelo nacionalismo e pelo fascismo e por outro lado pela Frente Popular que formava o Governo Republicano. Porém, nesse mesmo ano, Alemanha e Itália intervieram com as forças totalitárias do General Francisco Franco, que lutava contra a república espanhola representante das forças populares.

Auxiliando Franco, o nazismo de Adolf Hitler pode testar suas armas na Espanha, ensaiando ações militares que seriam empregadas posteriormente na Segunda Guerra Mundial. Um exemplo disso foi o massacre que a aviação alemã desfechou sobre a cidade de Guernica, o qual causou revolta e medo na sociedade: Por isso convém entender que:

O levante de Franco foi também contra a autonomia regional, a destruição de Guernica serviria como uma lição a todos os que imaginavam uma Espanha

federalista ou descentralizada. Assim, quando a notícia da dizimação provocada pelo bombardeamento "científico" chegou aos jornais provocou um frêmito de horror em todos os cantos do mundo. Quase todos os habitantes de cidades, em qualquer lugar do planeta, sentiram instintivamente que estavam sendo apresentados a um outro tipo de guerra, à guerra total, e que, doravante, por vezes, seria mais seguro estar-se numa trincheira no fronte, do que vivendo numa grande capital.(COTRIM, 2001 p 375)

Para a Direita espanhola, a guerra era um acordo para livrar o país da influência comunista no qual promover-se-ia o estabelecimento de uma sociedade mais igualitária. Já para o movimento contrário, era preciso interromper o avanço do fascismo que representava um regime autoritário desenvolvido por Benito Mussolini, caracterizado como um nacionalismo agressivo.

Assim, a Alemanha dominada por Adolf Hitler e a Itália dominada por Benito Mussolini apoiavam as tropas de Francisco Franco enviando voluntários, material bélico como aviões, armamentos e suprimentos. Para que isso acontecesse haveria uma troca, pois a Espanha não poderia se apropriar desses benefícios que o Governo Alemão oferecia. Dessa forma:

O fascismo era uma ditadura baseada em um partido único, uma forma de nacionalismo totalitário em que a nação é absorvida pelo Estado, dirigido por um partido com ideais nacionais. É propriamente a versão italiana do nazismo. Já o nazismo é um movimento ideológico e político cuja doutrina é baseada no nacionalismo totalitário, em que a nação é absorvida pelo Estado dirigido por um partido único, que encarna os ideais nacionais. (PAULUS, 2003, p.154)

O fator histórico espanhol possibilita entender que o governo alemão e o governo italiano cooperavam com os materiais que tinham e, em troca, exploravam-se as minas espanholas. Contudo, desde a Primeira Guerra Mundial, a produção de material bélico causou um crescimento acelerado na indústria metalúrgica e nas indústrias mineiras. Porém, a agricultura permanecia estagnada na mão de latifundiários, que deixavam de cultivar grandes extensões de terra e, com isso, a Igreja Católica apoiava a sociedade agrária, intervindo nessa reforma social, que de um lado se expandia pela produção de armas, e que de outro decaía, ao configurar-se a sociedade agrária.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que o anarquismo, principalmente na região de Catalunha, tornou-se a principal tendência política, desenvolvida pelos trabalhadores

dessas indústrias que produziam armamentos. Porém, o crescimento que poderia ser possibilitado pela produção desse material bélico, não atingia os operários dessas indústrias. Esse fator causava revolta na sociedade pelo fato de que seria uma oportunidade para melhorar a economia da Espanha naquela época.

Nesse sentido, o Exército de Catalunha, que não possuía armamento adequado para defender seu próprio território, não conseguia beneficiar-se com a produção de suas indústrias, pois produzia material bélico para o governo alemão e italiano, o qual, posteriormente, serviu de local para que o governo Fascista e Nazista pudesse testar o armamento produzido por essas indústrias espanholas. Partindo-se disso, na obra *A Guerra Civil Espanhola* o autor explica que:

As forças subiam a 220.000 homens. Historiadores nacionalistas afirmam que os inimigos eram apoiados por 250 peças de artilharia, 40 tanques, 80 carros blindados, 46 baterias antiaéreas, 80 aviões e 26 bombardeios. Mas o Exército defensivo da República na Catalunha sofria de uma escassez geral de armamentos e munições. Para serem corretos, os números nacionalistas teriam de incluir, sem dúvida, material já desgastado. O próprio Dr. Negrín estava, como confessou, cansado “espiritual e fisicamente”. (THOMAS, 1964, p 198)

Diante dessas questões, no ano de 1938, as indústrias caminhavam rumo à falência, ao que se comparava a produção de armas, no período que antecedia a guerrilha espanhola. “ O minério de ferro produzido em Biscaia, por exemplo, alcançava 154.000 toneladas em 1938, em lugar das 115.000 toneladas no último ano de paz.” (THOMAS 1964, p 294). Isso trouxe a diminuição na produção de minério, repercutindo em problemas como fome, desigualdade e morte. Os problemas sociais se agravavam atingindo homens, mulheres e crianças inocentes. A Catalunha, que era o pólo industrial do armamento de batalha, passou a vivenciar um momento de desordem total. Conforme o autor citado,

A comida andava agora escassa na República. Em Madri cerca de meio milhão de pessoas passaram o inverno de 1938-1939 com quase cem gramas por dia de lentilhas, feijão ou arroz e uma ração ocasional de açúcar ou bacalhau salgado. As lentilhas, o alimento mais comum eram denominadas “as pequenas pílulas de vitória.” (THOMAS 1964, p. 304)

Fatores como a falta de médico para atender as pessoas feridas, de mantimentos de primeiros socorros, de alimentos e as prisões superlotadas, resultaram na fuga da

população para a fronteira da França. Porém, o governo Francês recusava-se em permitir a entrada desses refugiados no país. Dessa forma, esta nação deparou-se com a escolha entre permitir a entrada dos soldados para servir a essa população, ou resistir-se pela violência. Com isso, a fronteira tornou-se um cenário de tragédia. No lado francês abriu-se um amplo campo e ali não havia cobertura para esses fugitivos. As famílias que nunca se separaram, nessa fuga foram apartadas, pois se tratava de simples espaços que não ofereciam proteção para esses refugiados.

Após a queda de Catalunha em 1939, o mundo concluiu que a Guerra Espanhola havia acabada. Assim restaurou-se uma monarquia na Espanha Republicana na qual Francisco Franco empreendeu a reconstrução de seu país e removeu a resistência militar, seguindo, ainda, com os fuzilamentos e a tortura, que atingiam a sociedade da época.

Com essa retrospectiva histórica, a fim de elucidar as considerações até aqui abordadas, vale-se lembrar que a base para a construção ficcional em *Saga* parte de um diário, de Homero de Castro Jobim - ex-combatente – que, ao voltar ao Brasil, entrega-o ao escritor, para um dia aproveitá-lo na construção de sua narrativa ficcional, fator que resultou na publicação desta obra. Desse modo, o romance revela uma essência histórica, o que permite trazer aqui o livro *Criação Literária em Erico Verissimo*, no qual explica-se que:

[...] Erico entende a relação da História com a literatura tanto como matéria explícita, quanto como ausência significante. Não lhe é concebível apartar a perspectiva histórica do texto literário conferindo a este uma total independência do mundo extraliterário. Nisso ele não acompanha as vanguardas, nem as teorias imanentistas da literatura. Não confunde ficcionalidade com autonomia ante o real. O trabalho literário pode ser fantástico ou realista, mas nunca será aistórico, pois a escolha do escritor estará radicada numa posição necessariamente existencial e datada. Esta escolha é que poderá negar ingresso ao evento histórico ao texto, mas ela mesma e as conversões de que se vale para essa negação terão raízes na História. Literariedade e historicidade andarão sempre juntas e, se a explicação para essa interação não é lukacsiana nem bakhtiniana, tem alguma vinculação remota com a responsabilidade que Goldmann entrega ao escritor de estabelecer a historicidade dentro do texto (cf. 1967, p.206-9), embora aqui se trate mais de uma necessidade ontológica do que da síntese da visão de mundo do grupo social mais esclarecido a que o artista pertence. (BORDINI, 1995. p.39)

Consideram-se algumas características reais, ao que se deve, a abordagem sobre Adolf Hitler, Benito Mussolini e Francisco Franco, que, evidentemente, foram no passado seres humanos reais e históricos, e que na narrativa ficcional de Erico participam como personagens para a construção do imaginário, empregado pelo escritor. Essa construção

permite trazer a inscrição humana na história, enquanto um processo de produção de sentidos. Essa produção, voltada à questão histórica, desempenhada na obra *Saga*, substancializa a sua criação, no sentido de que a materialidade dos fatos simbólicos sustenta o trabalho do escritor.

Possível é afirmar que a sustentação em torno do romance diz respeito a abordar os acontecimentos determinantes na história sem esquecer da participação do personagem no percurso narrativo. Assim, é possível construir na mente uma noção sobre um conhecimento o qual o leitor passa a adquirir no ato da leitura. Segundo Bordini:

[...] A literatura, evidenciando o caráter ilusório das palavras, consegue o que a linguagem no uso não artístico não pode obter: faz falar o silêncio da História, dá permanência às coisas, derrotando as erosões do tempo, metamorfoseia o cotidiano e libera o reprimido, aliviando as tensões e lançando pontes entre as pessoas.
(1995. p.261)

Portanto, a perspectiva histórica assume no romance a possibilidade de relação com o passado. Essa relação torna-se uma alternativa para investigar a veracidade dos fatos, explicitando apenas algumas pistas sobre uma época. Por isso, tendo como base a citação de Bordini no recorte acima, entende-se que a relação histórica não é totalmente evidenciada na narrativa literária. Desse modo, a literatura e a história acontecem em um espaço que é determinado pelo escritor que exhibe a sua ficção, sustentada no cerne do passado, o qual não é totalmente explícito.

3 1940: A PUBLICAÇÃO DO ROMANCE HUMANISTA

As relações de dominação sobre a mulher são questionadas pelos movimentos feministas, que começam a criar poderosas correntes de opinião pública e artística. Nessa perspectiva a mulher entra em massa no setor público e na velocidade que avançam e conquistam seus espaços no mercado de trabalho, os homens começam a dividir com elas os trabalhos de casa e a criação dos filhos, participando de um domínio privado.

Assim tem-se um esboço da reintegração entre homens e mulheres. Nesse alinhamento quando considerada a corrente histórica não como uma novidade na narrativa literária, mas como uma possibilidade de entendimento sobre a memória interna ao romance e de ser fundamental para sua estruturação ao ponto de torná-lo próximo a realidade, é importante discutir como as questões sociais são abordadas em *Saga*.

Nesse sentido, a questão humana e a questão filosófica ocupam uma posição essencial para a existência dessa literatura constituída numa revolução pela qual o ser humano ocupa o seu espaço na atualidade. Nessa perspectiva, filosofar é pensar sobre uma sociedade e, por isso, analisamos o processo de criação de Erico, no romance ficcional humano, que é *Saga*. Cabe lembrar também que essa análise é feita internamente à narrativa literária. Com isso, traz-se o estudo da condição e da função social exercida na análise estética da obra:

[...] a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas, quanto o público, estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. O artista quer atingir determinado fim; o auditor ou leitor deseja que ele mostre determinado aspecto da realidade. (CANDIDO, 1965, p.55)

Influenciado por questões culturais, pela capacidade de pensar, o sujeito humano busca explicações sobre a sociedade em que vive, pois é nela que a vida acontece em um processo de transformação. Dessa maneira, o nascer, o correr, o mudar de qualidade de vida, e o aperfeiçoamento são a mobilidade da natureza e do indivíduo. Nessa perspectiva, o fator que predomina no sujeito é evidenciado pela necessidade deste ser mudar de vida enquanto interage no meio social. Logo, esse fator apresenta-se na caracterização da personagem.

A criatividade literária de Erico é gerada pelas insatisfações existentes dentro de uma camada social. Nesse sentido, essa produção do autor contribui para uma abordagem próxima da realidade, pois traz consigo a capacidade da personagem alterar seu modo de vida, na busca de inovar, melhorar e satisfazer-se no meio em que vive. Para simplificar esse entendimento, observa-se um trecho do artigo *Literatura e cultura de 1900 a 1945*, que compõem o livro *Literatura e Sociedade*, no qual o autor defende que o período compreendido entre a década de 30 e de 40 marcava uma situação de mudança no cotidiano social, por isso:

Parece que o Modernismo (tomado o conceito no sentido amplo de movimento das idéias, e não apenas das letras) corresponde à tendência mais autêntica da arte e do pensamento brasileiro. Nele, e sobretudo na culminância em que todos os seus frutos amadureceram (1930-1940), fundiram-se a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país. A sua expansão coincidiu com a radicalização posterior à crise de 1929, que marcou em todo o mundo civilizado uma fase de inquietação social e ideológica. (CANDIDO, 1965, p.148)

O período compreendido entre 1930 e 1940, considerando a literatura, se transformava, pois o modernismo era uma forma de representar um movimento de pensar para a progressão da vida social. Porém pelos fatores históricos, que demarcaram um período de guerras, esse movimento, concedeu lugar à percepção da forma injusta de se viver a vida, pois era preciso explicitar a problemática social do momento, tendo que ser mascarada na arte da escrita pelo realismo. Em outras palavras, a tendência literária passou de uma fase modernista para uma fase realista.

Desse modo, Erico trouxe uma prosa de forma mais simplificada, um duplo sentido no qual a literatura e a realidade se aproximavam. Por isso considera-se a forma que a população passou a entender esses acontecimentos que influenciavam a vida cotidiana. Um dos fragmentos de *Sórdido Interlúdio*, que compõe *Saga*, permite entender como esses acontecimentos passaram a ser encarados pela sociedade que ocupava a cidade de Barcelona: “A vida nesta cidade parece correr normalmente. Dir-se-ia que a população já encara os bombardeios como parte da rotina cotidiana” (VERISSIMO, 2006, p.126) Desse modo a publicação de *Saga* corresponde ao conflito mais violento da história, o qual marcou o início da Segunda Guerra Mundial que se estendeu até o ano de 1945.

Sendo assim, a produção literária ganhou uma valorização a respeito da comunicação, pois a desconfiança em torno das críticas, principalmente sobre a ideologia política da época, gerou uma série de questões de punição a quem ousasse se opor e pensar diferente sobre a forma de governo no período militar, na perspectiva de ser apresentada de diversas formas como na pintura e na arte da escrita. Desse modo, exercitava-se o bom senso como capacidade de discernimento para que o melhor caminho fosse encontrado, como no caso da escrita, explícita através dos acontecimentos históricos da época.

Por isso, os fatores sociais e ideológicos presentes em *Saga*, entendidos como empecilhos para a progressão da vida, contribuem para a situacionalidade literária, no âmbito de que não se trata apenas de uma simples relação com a memória e com a

capacidade de pensar, mas trata-se de uma relação com a estrutura, ao se considerar a construção do espaço internamente a ficção do romance e não direcionado à realidade social externa, do qual muitas vezes se apropria liberada (mente).

Cabe entender também que a história, a filosofia e a literatura se diferem uma das outras. Em torno disso a história traz consigo toda a evolução do homem internamente a um espaço de tempo. A filosofia é um modo de pensar, uma postura assumida e diferente diante do mundo, pois é uma prática de vida, construída e formalizada, que depende da soma de idéias, de experiências e de fatos do cotidiano social, e por último a literatura é uma arte que depende da capacidade do ser humano ler, para conhecer seu passado e pensar sobre a realidade social que é presenciada, para posteriormente existir a ficção, como é o caso de *Saga*.

Dessa forma, Erico não expressou uma opinião própria, mas uma função, para exibir o modo de ser das sociedades, que eram contra os princípios conservadores da época, presenciando um cenário de avanço político na realidade histórica. Contudo, para poder expressar a indignação sistêmica do governo entre os anos de 1936 e 1939, a fim de considerar a Guerra Civil Espanhola, dentro da arte narrativa, era preciso existir um caminho para exprimir essas idéias contrárias e por esse motivo pode-se afirmar que a filosofia veio a colaborar, sobre a capacidade de o criador literário pensar em uma estratégia para representar toda a complicação social, que angustiava a humanidade na memória passada. Bordini explica que:

[...] Quando opta pela estética realista e rejeita a experimentação lingüística e o domínio dos estados de consciência sobre a ação no romance, faz isso de caso pensado. Poder-se-ia conjecturar que visava manter uma relação fácil e rendosa com o público, já educado pela tradição para esperar o realismo e nele procurar utopias. Ao contrário, tudo indica que seu romance não estava analisando nas hostas combatentes pela identidade nacional, nem se afastava das vanguardas por razões comerciais. Erico possuía um conhecimento suficiente das técnicas das vanguardas, assim como tinha uma visão internacionalista da missão da literatura. (1995, p.57)

A arte realista existente nesse romance de dois mundos, que é *Saga*, é modelada a uma forma de expressão, ocasionada pela experiência desagradável integrada a um contexto social. Evidentemente, essas questões reais, de desagrado do cotidiano, contribuem para a construção do espaço narrativo, possibilitando a clareza de todo o ambiente criado pelo escritor. Dessa forma, esse local construído é afetado por uma ação

que atinge o leitor pela essência emocional, apresentando-se em uma esfera interna da obra, que principalmente no estágio inicial da leitura se apresenta desconhecido.

Segundo Bordini (1995. p.259)

A obra ficcional de Erico Verissimo propõe uma imagem da criação literária e da criatividade em geral que se desdobra em três direções. Concede em primeiro lugar um espaço importante às relações público/criador, dando a entender que é dessa interação que a criatividade pode surgir e florescer. Por outro lado, ocupa-se em representar, nos universos diegéticos de contos e romances, a atividade criadora personificada num artista ou intelectual e considerada principalmente pelo ângulo da função existencial que a arte preenche. Em terceiro lugar, proporciona uma conceituação do literário e do romanesco, por oposição a outras artes ou ofícios do espírito. Todas essas direções imbricadas nos textos convergem para um ponto focal: a criação só pode ser compreendida no contexto da História, não como fac-símile da natureza e da sociedade, como queriam os realistas, mas como agente transformador.

No entanto, o indivíduo enquanto leitor depende de ativar um mecanismo que confira a ele a capacidade de perceber os espaços em branco existentes dentro do romance, para posteriormente considerar a perspectiva de ordem social e histórica que constitui o ambiente narrativo. Nesse sentido, é relevante trazer um fragmento retirado de *Sórdido Interlúdio*, que é a segunda parte do libelo humanista:

É estranho estar diante do mar e não poder tomar banho; é doloroso e ao mesmo tempo animador pensar em que a alguns quilômetros de onde nos encontramos existem cidades onde as criaturas vivem normalmente, bebem água pura, comem alimentos sãos, ouvem música e sabem sorrir. As pessoas que vejo a meu redor, quando não se entregam ao desânimo e à apatia, desandam a praguejar. Achem sempre um culpado para a situação em que se encontram. Franco, Negrin. A Inglaterra. O capitalismo. O fascismo. O comunismo. E até Deus. Os próprios ateus culpam Deus da miséria em que se arrastam. (VERISSIMO, 2006 p. 160)

Portanto, é notável que o sentido que se deseja atingir na construção literária não é transparente e puro, pois a linguagem se coloca sob suspeita. Assim, essa arte literária para o período compreendido entre 1930 e 1940 produz uma ilusão que parte de pequenos detalhes possibilitando a localização do tempo na história, conforme um fragmento do artigo *A Antimímese da História* escrito em *A criação Literária* em Erico Verissimo:

[...] a literatura, evidenciando o caráter ilusório das palavras, consegue o que a linguagem no uso não artístico não pode obter: faz falar o silêncio da História, dá permanência às coisas, derrotando as erosões do tempo, metamorfoseia o cotidiano e libera o reprimido, aliviando as tensões e lançando pontes entre as pessoas. (BORDINI 1995, p.261)

Dessa maneira, a linguagem literária não se separa do mundo, pois acentua a possibilidade de relação humana da palavra, com o real. Assim, não importa se o objetivo da obra é controlar, resistir ou denunciar verdades, o que importa é que por trás dessa prática literária existiu um ser humano que se encontrava em uma determinada posição social e que foi afetado pelas transformações ideológicas, passando a inscrever sentidos a partir de uma verdade histórica.

Logo, o ano de 1940, quando *Saga* foi publicada, marcou um momento de equilíbrio da arte da escrita, contribuindo com eficácia para formar uma consciência nacional e pesquisar o universo que se transformou pela ação do homem e ficou registrado na história pela memória. Dessa maneira, é possível afirmar que o romance pode ser considerado como instrumento de conhecimento fragmentado, pois a literatura aqui existente possui corpo, o qual proporciona o exercício mental, no desenvolvimento e no uso do saber em benefício do homem, para impulsionar o universo feminino pela conquista de seus espaços.

4 Vasco Bruno: a personagem como um ser humano

Na perspectiva de se entender a evolução do conhecimento, o homem criou consciência de seus atos e também de suas limitações. Percebeu também que não poderia viver sozinho em uma sociedade variável e complexa. Por isso, esse capítulo objetiva analisar a principal personagem desta *Saga*, que é Vasco Bruno

No entanto, considerando-se que esta personagem não interage sozinha no meio ficcional construído no romance, é importante frisar a masculinidade evidenciada pelas outras personagens homens, que se destacam na narrativa ficcional humanista. Para isso, é relevante fazer uma breve apresentação de cada uma delas, iniciando com o rapaz de cabelos morenos e lisos, que parece saber de cor Dom Quixote de La Mancha, chamado Carlos García; Axel, o garoto sueco de aproximadamente vinte cinco anos, que é muito quieto; o norte americano Sebastian Brow, que estava no trem de Perpignan, o qual levaria os voluntários a Portbou em terras da Espanha com Vasco Bruno, e que ao longo da narrativa conhece outros personagens como Pepino Verga, o ex-palhaço de circo, o sargento De Nicola e o moço de olhos azuis, chamado Paul Green.

Evidentemente, esses personagens masculinos, brevemente apresentados neste capítulo, participam de um meio social, influenciado pela realidade que a vida tinha a

oferecer. No momento em que Vasco conhece seus futuros companheiros, é perceptível a existência de um espaço que possibilita esses seres, na ficção, viver um resgate da harmonização da vida, no propósito de driblar a fome, o frio e o medo. Assim, esses sujeitos estabelecem uma relação, que até então não tinha muita importância, em outras palavras, a afetividade começa a ser inicialmente interessante e necessária para a garantia da sobrevivência na Guerra Civil Espanhola em *Saga*. Dessa forma, é possível verificar a existência desses laços de amizade no seguinte fragmento de “O círculo de giz”:

Ele estende para mim a mão forte e fresca, que eu aperto, e sussurra:
 -Sebastian Brown.
 Digo-lhe o meu nome. Entabula-se um diálogo numa mistura de espanhol e inglês.
 Temos de gritar por causa do barulho. Garcia me bate nas costas.
 Parabéns! Fazes amigos, não? Quem é a Branca de Neve?
 Venho a saber que Sebastian Brow é norte-americano, da Geórgia. Veio no nosso trem e vai seguir também amanhã para Figueras, onde fica o primeiro posto da Brigada Internacional.
 Termina o jantar. Esta noite estamos livres. Garcia interpela o argentino das costeletas:
 -Não há mulheres nesta terra, amigo?
 O outro faz uma careta:
 -Pensas que estás em Paris? É guerra!-exclama. (VERISSIMO, 2006, p.24)

Estabelecidas essas relações, as exposições dos problemas humanos acontecem pela interação social, que só podem ser entendidas pela existência dessas outras personagens. Nesse processo, os sentimentos alinham-se em um percurso único de vida. Por isso, é notável que Vasco Bruno se assuma ideologicamente nessa narrativa ao considerar que “A vida é um grande jogo e o destino um parceiro temível que só aceita grandes paradas” (VERISSIMO, 2006.p.17)

Nessa prática, a vida é a ação resultante da capacidade de pensar, e esse exercício da mente só acontece pelo fato de que o homem depende do meio social para dar segmento no seu modo de viver. Por isso, é necessário construir uma relação estável com as pessoas que dividem o meio para que assim se possa reconhecer o ser na forma de cultivar uma relação de amizade. Desse modo, os sentimentos de Vasco Bruno são expressos pela união que envolve uma ou mais pessoas que, porém, vem seguido pela desigualdade e pelo medo. Assim, no trajeto narrativo desta ficção, Vasco Bruno caminha rumo a construir a afetividade para poder alcançar uma vitória, que só acontece pela existência desses outros personagens, que foram brevemente apresentados inicialmente nesse capítulo.

Todavia, perceber a essência do meio existente em *Saga*, a exemplo da desigualdade e do medo, é consequência da organização social, que está ligada ao fenômeno de poder, no âmbito de induzir a ação necessária em Vasco Bruno para sair dessa batalha que é a Guerra Civil Espanhola. Nesse sentido, a ação leva esse jovem de vinte e seis anos a compreender que o maior valor na vida de um ser humano, na posição em que se encontrava inicialmente, de soldado, era caracterizado pelo amor existente entre um homem e uma mulher, pois Vasco é distanciado de Clarissa em *O círculo de giz*:

Lá está ela sorrindo para mim, com os olhos úmidos de lágrimas, a me acenar do cais. Foi assim que a vi pela última vez. Saudade. Moleza brasileira. Que teria sido de mim se ficasse? O casamento, uma vida medíocre, a luta sem glória de todos os dias à sombra ameaçadora do caderno do armazém. Depois o envelhecimento precoce, a amargura, o tédio. E no entanto eu sei, eu sinto que amo Clarissa. (VERISSIMO, 2006, p.22)

Esses sentimentos expressos pela personagem contrastam com a realidade que ali se constrói. O personagem possui uma opinião formada de mundo, e busca sua força na reflexão de sua amada, pois se sente prejudicado com o domínio de um poder ideológico, o qual desenvolve uma ferramenta para alcançar um objetivo, tendo como base a forma em que a realidade se apresentava na trajetória dessa ficção. Por isso,

A realidade parece ter um secreto prazer em desmanchar os elaborados desenhos de nossa imaginação. Fantasiei de mil modos o momento em que ia ser ferido e, no entanto tudo se passa da maneira mais gratuita e inesperada [...] Acontece que do outro lado do rio um insidioso caçador de homens divisa o meu vulto, faz uma pontaria cuidadosa com seu fuzil de luneta e dispara... Sinto um súbito enfraquecimento da perna esquerda como se um camarada gaiato e invisível me tivesse dado na curva uma pancada seca com o lado da mão. (VERISSIMO, 2006 p.111)

Vasco Bruno revela-se decidido em seguir sua trajetória para lutar pelos ideais individuais e pelos ideais de sua sociedade na guerra, porém percebe, na medida em que os dias de combate vão se passando, que a relação de amizade se torna mais importante, passando a “ter vergonha do mais leve sentimento de hesitação ou fraqueza. Conheço muitos camaradas que lutam com método e heroísmo.” (VERISSIMO, 2006, p. 100)

Claramente, é possível ver que a autonomia, alcançada por Vasco Bruno, não atingiu a mesma elevação de eficiência dos outros personagens participantes desse romance, porém a capacidade de raciocínio desse jovem superou a capacidade de

reflexão dos outros seres existentes em *Saga*. Assim, um fator considerável é o momento em que Vasco passou a imaginar o ensejo em que seria ferido, porém não acreditava que esse dia se aproximava.

No entanto, esse jovem foi derrubado duas vezes. A primeira vez se revela em: “Sinto um súbito enfraquecimento da perna esquerda como se um camarada gaiato e invisível me tivesse dado uma pancada seca com o lado da mão” (VERISSIMO, 2006, p. 111) Após a sua recuperação, que aconteceu de maneira inédita, voltou à batalha na Serra da Catalunha, sendo ferido no pulmão: “Fui atingido por um estilhaço de obus. Mas é singular... A dor é na perna e, no entanto me vem sangue à boca e minha respiração é penosa” (VERISSIMO, 2006, p. 137)

Nesse percurso, este homem, ao voltar para defender a pátria, percebe que o governo está derrotado e considera que a batalha não foi perdida, pois conhece amigos nessa trajetória como “Axel... Brow...Green...Martin...De Nicola...Juana...Dom Miguel...Alfonsito. Seja como for, esta guerra para mim não foi de todo perdida, porque eu vos conheci.” (VERISSIMO, 2006, p.151) Incrivelmente o desespero parece ter ganhado fim, porém em *Sórdido Interlúdio*, Vasco vive o resultado da guerra, em um campo de concentração, onde os problemas como miséria, sofrimento e angústia são explícitos na narrativa.

Sempre pensei que houvesse solidariedade no sofrimento e que na hora de provação os homens apagassem um pouco o egoísmo e tratassem de ajustar as diferenças pessoais em benefício da comunidade. Puro engano. Estas criaturas exalam um cheiro fétido, que sofrem física e moralmente, conservam aqui os mesmos característicos que a vida social normal provocam os conflitos espirituais e materiais e que, dum certo modo, são a causa das guerras entre nações. (VERISSIMO, 2006, p. 159)

Após voltar para o para Porto Alegre no Rio Grande do Sul, Vasco percebe que os tempos modernos e o progresso haviam chegado após reencontrar Clarissa, pois nessa sociedade existente, as classes médias passaram a disputar espaços políticos e as classes baixas entraram na disputa pela luta da sobrevivência.

Claro que essa volta de Vasco ao Rio Grande do Sul, é perseguida ainda pela lembrança da guerra e sua vida acaba sendo influenciada pelas pessoas desse outro meio social. Nesse sentido, os problemas sociais existentes no Sul do Brasil, levam Vasco a perceber que os indivíduos de seu meio possuíam pensamentos heterogêneos, no qual se contrastava com as sociedades modernas e tradicionais.

Com efeito, o modelo evolucionário provocou em Vasco Bruno um choque sobre a visão que tinha de mundo, pois as classes existentes eram outras e o personagem ainda estava bastante influenciado pelo trauma da guerra. Desse modo, essa questão pode ser considerada teórica no entendimento de Regina Zilberman em *A literatura no Rio Grande do Sul*, ao que diz respeito à questão da problemática humana:

Se o alvo continuou sendo a denúncia da estrutura desigual da sociedade e, sobretudo, da corrupção moral do indivíduo devido a sua adesão ao jogo de interesses, o escritor trata de elevar sua voz, intensificando o elemento engajado de sua expressão. (ZILBERMAN, 1996, p.87)

Posteriormente, Vasco casa-se com a prima Clarissa, indo morar no sítio de veraneio de Noel e Fernanda. Este homem passa a dedicar sua vida ao trabalho da roça, ao cuidado dos animais, à pesca, à pintura, à leitura, à música e à contemplação da vida, enquanto sua esposa leciona durante as manhãs em uma escola próxima da localidade onde moram. Conseqüentemente, o casal já espera ansioso o primeiro filho e em uma determinada passagem, Vasco afirma a gratidão pela vida ser bela: “Só agora é que vou descobrindo aos poucos a delícia profunda que certos atos e coisas simples nos podem proporcionar”. (VERISSIMO, 2006, p. 308)

Desse modo, a ação de afetividade foi muito mais importante do que a ação de sair com o corpo invicto da Guerra Civil Espanhola. Nesse aspecto, este jovem homem buscou tranquilizar sua alma, na tentativa de agir com equilíbrio nos seus afazeres pessoais e no meio que compartilhava. Nessa linha de entendimento, o personagem narrador de toda essa ficção, diferente dos homens – personagens – imergidos na violência, buscou libertar-se da violência. Assim, a valorização da amizade afetiva garantiu sua sobrevivência na guerra, para posteriormente reencontrar Clarissa.

Dessa forma a personagem masculino pode ser considerado um ser de potencialidades que passou a construir e conquistar o seu mundo. Nesse sentido, os valores foram estabelecidos pela experiência resultante da relação de vivência da guerra e no mundo capitalista. Assim, esse personagem reconstituído tem pleno domínio sobre a capacidade de pensar, passando a representar características que serviram para garantir a sobrevivência de toda uma comunidade, na competência de tratar o ser humano em uma condição igualitária.

5 A INQUIETAÇÃO DETERMINADA

Nessa abordagem, é importante refletir sobre a capacidade de pensar e conhecer o mundo, fator considerado essencial para o exercício pleno de vida na sociedade. Evidentemente, essa reflexão só é possível pela autonomia do personagem Vasco Bruno em *Saga*, que exercita seu raciocínio, na perspectiva de garantir a sua sobrevivência na Guerra Civil Espanhola, e no objetivo de libertar-se das insatisfações geradas pelo progresso urbano no Rio Grande do Sul.

Partindo-se dessa ficção literária, convém entender a questão moral a partir da dimensão do espaço individual humano, envolvido na participação e na interação de fatores socioculturais, que permitem fatores como a percepção de mundo e a luta pelo direito individual.

Segundo Bordini: (1995, p.268),

Não sendo o realismo nada mais do que um vocabulário culturalmente situado para efetuar a representação do real, através de convenções arbitrarias naturalizadas, pressupõe uma vontade ideológica definível: a de retomar a coisa em si, ou seja, levar pelo ilusionismo realista, o sujeito a reconhecer como sua mente “espera” e, portanto, constrói a coisa. A responsabilidade social que impele Erico a escrever sobre a vida contém o temor de que o ato poético possa ser diferente do mimético, esquecendo a realidade de onde provém sua matéria e alienando o público, a quem essa realidade, no seu entender, deve ser desenvolvida com alguma espécie de utopia humanista explícita e emocionalmente vivenciável.

Erico evidencia a preocupação de que a escrita literária precisa gerar no leitor a aparência de convencer o público da função existencial que a arte literária ocupa. Em outras palavras, procurar chegar o mais próximo da realidade através do processo que ocorre internamente a escrita do romance. Consequentemente, esse objetivo é alcançado, e por isso cabe trazer aqui o registro de Flávio Aguiar publicado na edição usada para este estudo, o qual defende que: “*Saga* não alcançou a repercussão mundial de Wood, mas ajudou – e ajuda – a manter viva entre nós a chama da inquietação e da luta pela liberdade” (VERISSIMO, 2006, p. 15). A partir disso, a reflexão que é desejável fazer aqui, começa a ganhar sentido.

Tendo como base esse apontamento, entende-se o argumento no âmbito de direcionar o olhar do leitor para a sociedade em que vive. Partindo-se da personagem Vasco Bruno em *Saga*, é notório que o ser masculino executa uma preocupação com o meio que primeiramente vive e posteriormente com o meio que passa a viver nessa arte literária. Nesse sentido, conforme já explícito em capítulos anteriores desse trabalho

monográfico, gera-se um incômodo para o segmento da vida no ambiente que, primeiramente, é demarcado pela Guerra Civil Espanhola e, posteriormente, pelo progresso que acontece devido à volta da personagem ao Rio Grande do Sul.

Assim, a existência dessas duas dimensões compreende as limitações e a interação que a personagem passou a efetivar na narrativa, direcionando seu foco de vida na busca da felicidade, que é o caso desse romance analisado. Para melhor entender esse encaminhamento, é interessante trazer um fragmento do artigo *Tempo/espço, a moldura visível*, parte integrante do livro *Criação Literária em Erico Veríssimo*, no qual a autora defende que:

A construção das dimensões temporais e espaciais do romance em geral determina a amplitude e o trajeto da história e fornece a personagem limites tanto à expansão de suas características quanto a qualidade de suas ações. Em última análise, configura a própria textualidade, enquanto espaço semântico e temporalidade de leitura. (BORDINI, 1995.p.93)

Além disso, é essencial entender também que o tempo existente no processo de leitura diferencia-se do período apresentado na obra literária, pois as percepções e opiniões de mundo variam de leitor para leitor. Desse modo, a escrita permanece intacta e original de forma que nenhum sujeito pode alterá-la; o que pode variar são as discussões e os diferentes pontos de vista sobre um determinado assunto.

Em seus depoimentos, Erico Veríssimo não oferece muitas indicações sobre o modo como constitui o espaço-tempo de seus relatos. Quanto ao tempo, preocupa-se em entender filosoficamente sua natureza e significado, bem como em definir seu relacionamento de contador de histórias com a História nos termos em que se vale de eventos reais. O tempo psicológico o aflige, de modo que procura evitar sua perquirição, embora estude seguidamente os estados da consciência ou do eu e sua criatividade. O espaço, para ele, é uma questão de armação e descrição de cenas, num esquadro quase teatral ou cinematográfico, ou pelo menos muito marcado pela visualidade e pelo dinamismo. (BORDINI, 1995.p.93)

Assim, *Saga* fornece, a partir da leitura, um contexto social que passa a exhibir caminhos, ações, prioridades e objetivos em dois planos ficcionais, no qual o personagem Vasco Bruno é influenciado pelo mundo apresentado na Espanha e no Brasil. Além disso, na sua criação literária, Erico emprega a filosofia para explicitar a interação do personagem principal na narrativa. Quanto ao espaço, pode-se afirmar que ele é o

causador do desconforto social, que atinge as pessoas pela fome, pela desigualdade, pela competição, enfim pelo direito a vida.

Além disso, esse narrador-personagem executa a sua ação através da estimulação de seu pensamento, em um exercício de observar, questionar e agir pela busca da vida que realmente é merecida. Evidentemente, isso ocorre para que, posteriormente, possa servir à vontade humana, na tentativa de produzir as ações que se voltam para a própria realização pessoal. Em um olhar externo à literatura, é possível direcionar esta reflexão para a mobilização social sobre o papel desempenhado na realidade do cotidiano.

Para melhor entender essa idéia explícita, é proeminente trazer um fragmento do artigo *Conceitos centrais*, o qual integra a obra *História e teoria social*. Nele o autor dialoga sobre mobilidade, esclarecendo que:

[...] a mobilidade social diz respeito a seus modos, isto é, aos vários caminhos para atingir o topo e aos diferentes obstáculos enfrentados por potenciais candidatos à ascensão (é provável que a mobilidade descendente revele menos variações). Se o desejo de subir na vida é constante, o modo de ascensão varia de lugar para lugar e muda com o passar do tempo. (BURKE, 2002. p.95)

Essa mobilidade é coordenada na perspectiva de elevação social, gerada pela distorção que o cotidiano apresenta, refletido em um indivíduo- e se é indivíduo, é individual- possuindo uma concepção de vida, que se diferencia do conceito que as outras pessoas possuem sobre a vida delas. Desse modo, o ser humano possui um conjunto de opiniões sobre o seu mundo, que justifica e explica o verdadeiro fato de um ser estar ocupando uma situação na qual pode ser de desconforto.

Por isso, essa consideração é válida para entender que a obra *Saga* pode ser compreendida pela movimentação de classes, exercício constante na realidade, pois se altera pelo lugar e pelo tempo, sendo gerado pelo abatimento que vai de encontro à opinião que o indivíduo (personagem no caso do romance) tem do mundo. Nesse sentido, a vida segue um caminho imaginado, no qual predomina a necessidade, para atingir um determinado objetivo.

Sobre o mundo imaginário, torna-se possível trazer a obra *História e teoria social*, em que o autor, em um de seus artigos, dialoga sobre a mentalidade e ideologia:

Embora a comparação entre mentalidades e ideologias seja profícua, as tentativas de analisar os modos pelos quais as idéias sustentam os sistemas políticos trouxeram à luz dificuldades, parecidas com as associadas ao conceito de hegemonia. Por vezes, a ideologia tem sido tratada como uma espécie de “cimento social” que mantém a sociedade unida. (BURKE, 2002. p.134)

Essa comparação feita leva a entender que o pensamento (ordem política existente) é mais “aberto” no sentido de que há vários sistemas concorrentes, no qual os indivíduos inteiram-se mais facilmente pelo fato de que um ser precisa do outro para dar segmento a sua vida. Já a ideologia é compreendida pela disseminação de idéias que acontece através da comunicação. Em outras palavras, o indivíduo é afetado pela ideologia, que só é expressada através da comunicação, dada pela formação social existente.

Além disso, o pensar e o conhecer, como foi explícito no início deste capítulo, encaminham o ser humano para o segmento de uma perspectiva de vida, que seja equivalente o bastante para estabilizá-lo no mundo corrompido pelas diferentes classes existentes, através da ficção em *Saga*. Por isso, essa sustentação só acontece pela moral, pela necessidade de se fazer o bem para si e para os outros seres que caminharam com a personagem na tentativa de buscar a liberdade.

Conseqüentemente, essa análise permite entender a personagem como um ser humano, que possui vida dentro dessa ficção literária, demonstrando-se “inquieta” pela apresentação dos problemas que integram o mundo existente em *Saga* e “determinado” na arte para existir e agir, enfrentando as dificuldades colocadas à sua frente. Assim, esses dois fatores garantem o reencontro de sentido à vida, evidenciando os incidentes de uma sociedade, que faz, obrigatoriamente, um indivíduo mudar sua perspectiva de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados para o desenvolvimento deste trabalho, é possível afirmar que a obra *Saga*, de Erico Verissimo, possui um valor fundamental, para os admiradores de literatura, filosofia e história. Evidentemente, essas três áreas do conhecimento possibilitam relacionar a arte da escrita do pensamento e do conhecimento sobre a essência histórica mundial na perspectiva feminina.

Ao se partir da criatividade literária existente em *Saga*, é nítida a preocupação que o escritor tem em atingir o público no âmbito de explicitar a mobilidade da humanidade. Nessa perspectiva, a escrita literária, o exercício do pensamento e a memória histórica constituem-se na obra artística, tornando-se indissociáveis para a compreensão de mundo,

no qual se deseja mostrar que a sociedade é composta de estados, ou em outras palavras, de classes.

Com efeito, a obra é o reflexo do desconforto que o cotidiano causa nesses determinados grupos e conseqüentemente retrata a teoria social como um ato complexo, que passa das mãos do escritor para os olhos do leitor e que precisa ser compreendido, para funcionar como um objeto de impulsão para o progresso de vida e pela busca da igualdade humana. Nesse sentido, a evolução do conhecimento só acontece pela efetividade do convívio com a natureza, proporcionando especificamente a mulher, o verdadeiro sentido e a verdadeira importância da sua vida.

Por isso, *Saga* deve ser considerada uma obra literária, para podermos avaliar, identificar, reconhecer e apreciar o valor que a essência feminina ocupa e gradativamente conquista na sociedade contemporânea. Dessa forma, a personagem assume-se como um ser que não desiste da objetividade que deseja alcançar, pois a observação da realidade a leva a constatar as várias situações captadas através de seus sentidos. Dessa forma, através da sua existência no romance, é possível atingir a sua essência, enfim o valor da vida.

Assim, a escrita de Erico Verissimo, em *Saga*, é uma possibilidade para refletir sobre a vida, na busca de autonomia feminina para alcançar a sanção, entendida como fundamental para a emancipação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRADBURY, Malcom. *O Romance Americano Moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS 1995.

_____. *A Formação do Leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto 1988.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e de Roneide Venâncio Majer- São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CORTESÃO, Jaime. *O humanismo universalista dos portugueses: a síntese histórica e literária*. Lisboa: Portugalia, 1997.

COTRIM, Gilberto. *História e consciência do mundo*. São Paulo: Saraiva, 2001.

DONALDO, Schüler. *Teoria do romance*. São Paulo: Ed. Ática 1989.

- LAJOLO, Marisa. *Leitura: Leitores e Leitura*. São Paulo: Editora Moderna 2001
- PAULUS, Jorge. *A filosofia e o Cotidiano: Caminhos para o Pensar*. 2ª edição. Tapera: 2003
- PONTY, Maurice Merleau. *Humanismo e terror*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- POCHMANN, Márcio. *Década dos mitos*. São Paulo: Contexto, 2001.
- SOUZA, Antonio Candido de Mello. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1965.
- THOMAS, Hugh: *A guerra civil espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1964.
- VERISSIMO, Érico. *Saga*. 20.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ZILBERMAM, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. 2ª edição; Porto Alegre: Mercado Aberto 1982.